

JOÃO TURIN

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Poucas vezes em nosso estado tivemos a oportunidade de conhecer de maneira tão abrangente a vida e a obra de um artista local como nos é possibilitado agora com a exposição “João Turin – vida, obra, arte” que acontece no Museu Oscar Niemeyer até 2 de novembro. A exposição é o resultado de muito trabalho e pesquisa, que tiveram início há cinco anos, quando Samuel Ferreira do Lago comprou o acervo da família do artista. Após a aquisição do acervo foi feito o inventário, tombamento, restauro, catalogação, levantamento histórico, fotografia, até chegar-se à fundição das peças.

Para isto foi montada uma fundição em Almirante Tamandaré(Pr), sob a coordenação de Mauricio Appel, onde as obras de Turin são manuseadas por uma equipe de museólogos, artistas plásticos, restauradores e especialistas em fundição capitaneados pelo escultor Elvo Benito Damo. Neste local foram fundidas as 130 peças em bronze agora expostas, entre elas as que o consagraram como um dos principais escultores animalistas brasileiros: “Marumbi”, “Luar do Sertão”, “Tigre pisando na cobra” e “Onça à espreita”. Várias obras são inéditas; Turin deixou matrizes em gesso prontas, porém lhe faltavam recursos para fundi-las. O resultado é uma visão bastante completa do artista e de sua produção ao longo de quase 50 anos de carreira.

JOÃO TURIN

Vida, obra, arte

“Como se faz escultura?

*Com o dedo, em barro, quando eu quero,
roubando ao barro a eternidade
ainda informe da terra...”*

*João Turin
(1878 – 1949)*



– Convite da exposição com a escultura Luar do Sertão



Pinturas de Turin

João Turin viveu entre 1878 e 1949. Filho de imigrantes italianos, nasceu em Porto de Cima (Morretes) e descobriu a escultura ainda menino – cobria pernas, braços e tronco com argila, deixava secar e removia os moldes de seu próprio corpo, com os quais brincava. Tinha nove anos quando a família mudou-se para Curitiba. Foi ferreiro, marceneiro, torneiro e seminarista até descobrir a vocação. Em 1905 ganhou bolsa de estudos do Governo do Paraná e foi estudar na Real Academia de Artes de Bruxelas. Em 1909 saiu da Academia e permaneceu mais dois anos na cidade. Visitou a Itália, Holanda, Espanha e Portugal e no final de 1911 mudou-se para Paris, onde viveu os 10 anos seguintes. Expôs vários anos no Salão dos Artistas Franceses e em 1912 recebeu menção honrosa com a escultura “Exílio”.



Turin na Bélgica, com a escultura Exílio



Na exposição está a reprodução da igreja de São Pedro do Umbará, em Curitiba, com um relevo que mostra Jesus em meio a seus discípulos, enquanto confia a Pedro o futuro de sua igreja, sob um friso de folhas de erva mate. No altar encontra-se a cópia da Pietá da igreja da Normandia.

Eram tempos muito difíceis e os clientes escasseavam; pouco se sabe da vida do artista nestes duros anos de guerra em que conheceu Rodin, Modigliani, Isadora Duncan, Claude Debussy e outras personalidades.

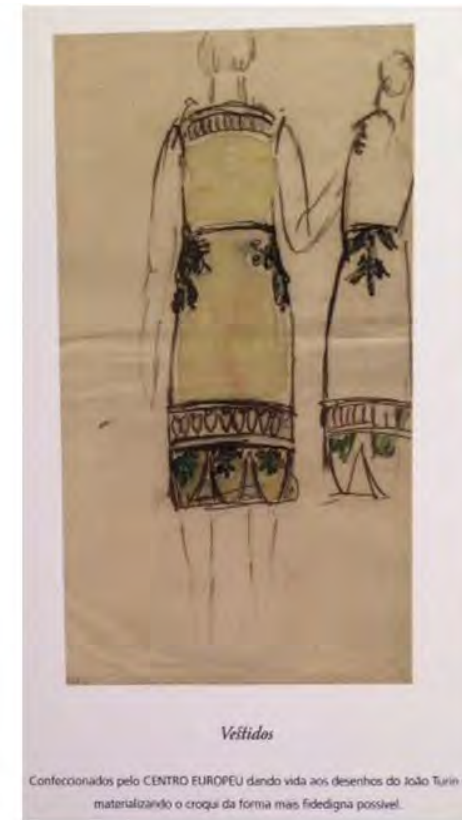
Em 1917 ele foi comissionado para executar um relevo em pedra destinado à igreja de Saint Martin, em Condé-sur-Noireau, na Normandia, em homenagem aos soldados mortos. Turin criou uma linda Pietá em que o rosto da Virgem Maria teria sido inspirado na dançarina Isadora Duncan que, como a virgem, também sentira a dor de ver seus filhos mortos (os dois filhos dela morreram afogados no Rio Sena). Durante a segunda grande guerra pensou-se que ela tivesse sido destruída em bombardeios que danificaram a igreja, mas a escultura permaneceu intacta.

Para possibilitar a presença desta obra no acervo, Elvo foi à França e fez seu molde, que foi trazido e usado para a fundição de nova peça.



No final de 1922 Turin retornou ao Brasil e se fixou em Curitiba, deixando várias obras com Brecheret no atelier de Paris. Sua intenção era voltar para lá mas isto nunca aconteceu e, aos poucos, ele se integrou à cena artístico-cultural local onde produziu grande número de monumentos, estátuas, bustos e relevos. Uma de suas obras mais conhecidas em Curitiba é a estátua de Tiradentes, que está na praça de mesmo nome.

Turin foi, juntamente com João Ghelfi e Lange de Morretes, um dos idealizadores do estilo paranista, movimento de afirmação da cultura paranaense surgido em fins da década de 1920 que se caracterizou pela estilização de elementos da fauna e da flora paranaenses - pinheiros, pinhas e pinhões, folhas de erva mate e grãos de café juntamente com paisagens regionais, figuras de índios e animais nativos. Estas imagens eram usadas para decorar detalhes arquitetônicos, móveis, objetos de uso cotidiano, vestidos, sombrinhas, etc. No desenho industrial, ainda pouco conhecido no Brasil, Turin encontrou mais uma oportunidade para difundir esta estética.



Confeccionados pelo CENTRO EUROPEU dando vida aos desenhos do João Turin - materializando o croqui da forma mais fidedigna possível.

Vestidos e sombrinha com motivos paranistas, confeccionados pelo Centro Europeu, a partir de croqui do artista, da forma mais fidedigna possível. Bélgica, com a escultura Exílio



Capitel Paranista



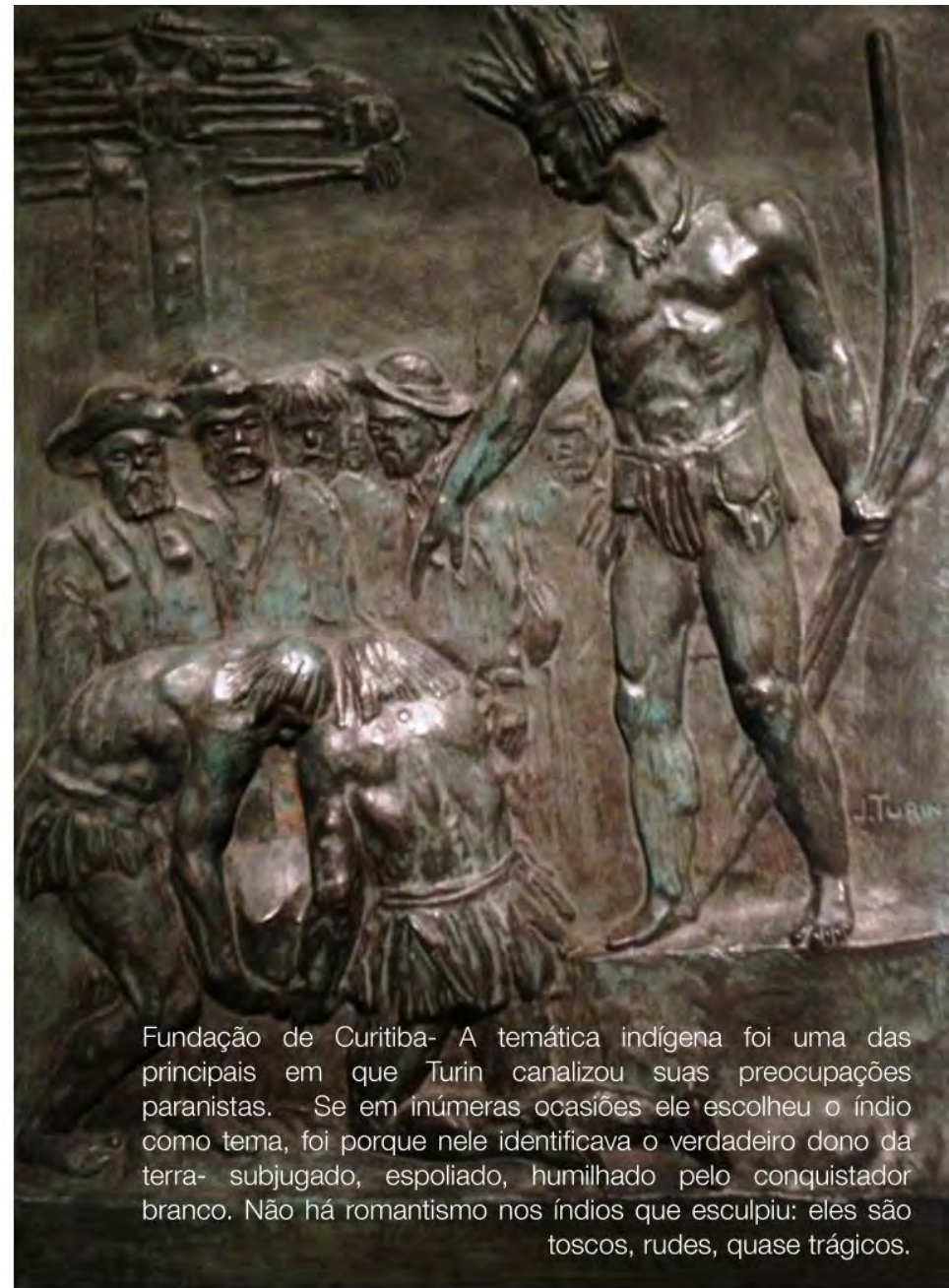
Reprodução do atelier do artista dentro da Casa Paranista

O Paranismo perdurou até os anos 1940 quando, no governo centralizador de Getulio Vargas, regionalismos não eram bem vistos. Dentro de sua vasta produção destacam-se as esculturas de felinos, sendo as mais conhecidas “Tigre Esmagando a Cobra” e “ Luar do Sertão”, premiadas no Salão Nacional de Belas Artes em 1944 e 1947 com medalhas de prata e de ouro respectivamente. As duas foram adquiridas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, podendo ser vistas no Zoológico da Quinta da Boa Vista e na Praça General Osório. Em Curitiba encontram-se na Avenida Manoel Ribas (Tigre Esmagando a Cobra)e no Centro Cívico (Luar do Sertão).

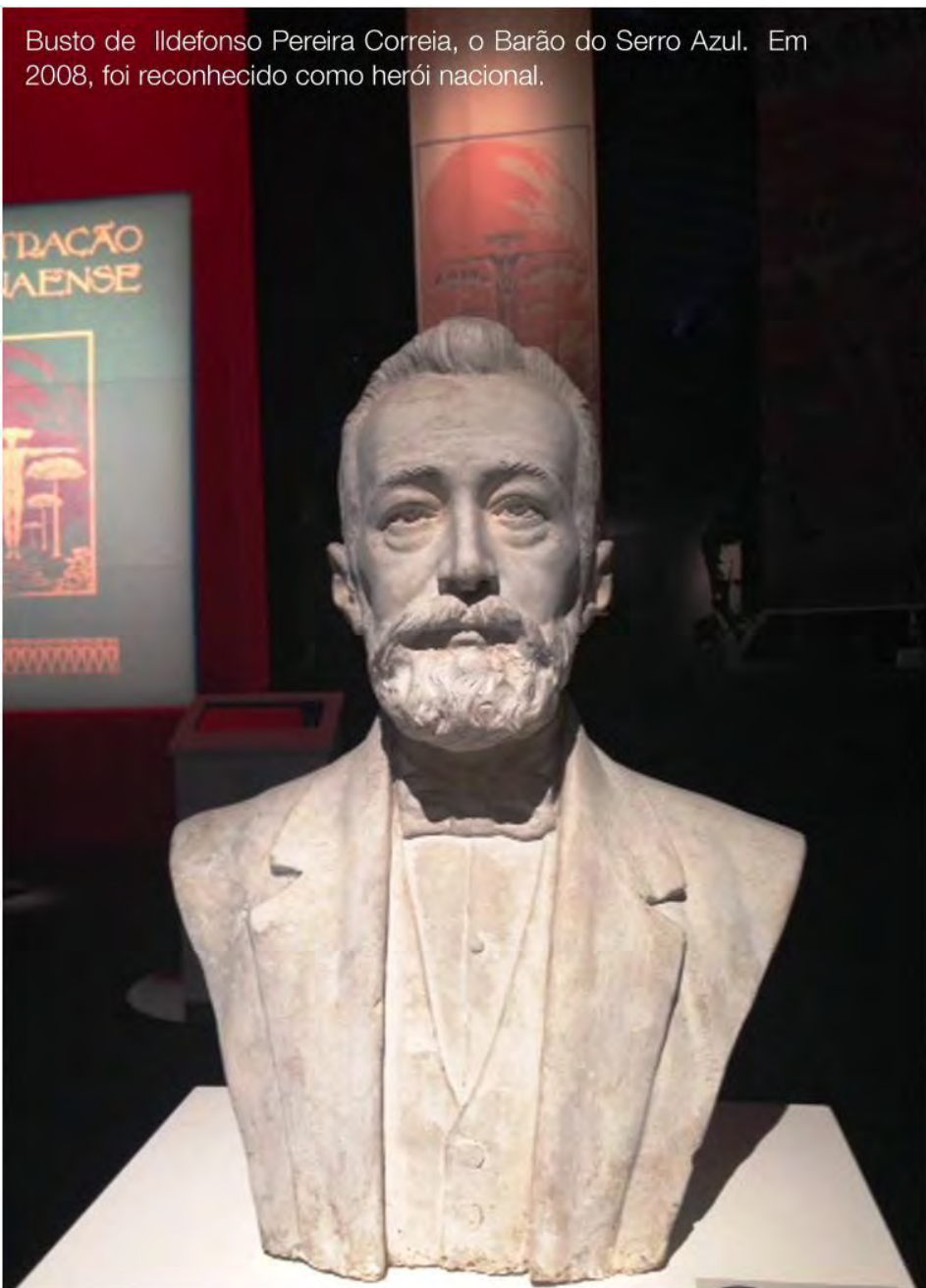


Tigre esmagando a cobra

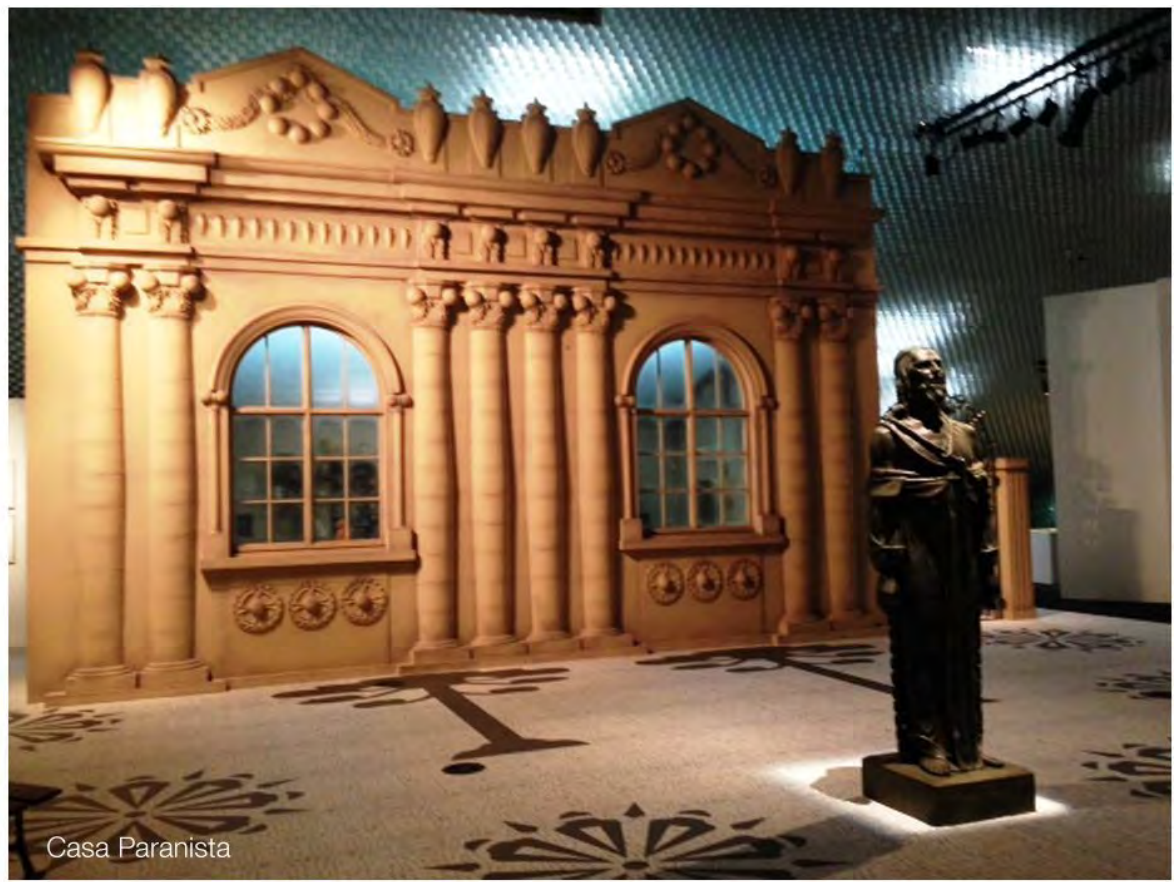
Na fase de tigres Turin inspirava-se em gatos e nos felinos do Passeio Público. Como os animais dormiam a maior parte do dia, o artista passou a ir ao parque à noite: comprava carne e negociava para conseguir melhor iluminação. “Foi um inferno, sem contar com a chuva, a garoa, a lama, o frio, pois a gente não é mais criança e não aguenta bem”, declarou na época. Mas o esforço compensou: a onça lhe rendeu prêmios e homenagens.



Fundação de Curitiba- A temática indígena foi uma das principais em que Turin canalizou suas preocupações paranistas. Se em inúmeras ocasiões ele escolheu o índio como tema, foi porque nele identificava o verdadeiro dono da terra- subjugado, espoliado, humilhado pelo conquistador branco. Não há romantismo nos índios que esculpiu: eles são toscos, rudes, quase trágicos.



Busto de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Em 2008, foi reconhecido como herói nacional.



Na sala expositiva do Mon, o Olho, foi construída uma reprodução diminuída da fachada da Casa Paranista criada por João Turin, a partir da planta original. Nela, o artista usou o repertório ornamental paranista. Dentro da casa está ambientado o atelier do artista de maneira bastante fiel, com base em fotos da época. A calçada em frente à casa tem os desenhos de pinhas e pinhões encontrados no centro de Curitiba.

Desenho com decoração paranista



A curadoria da exposição é do historiador e crítico de arte José Roberto Teixeira Leite, que possui vasto currículo no mundo das artes. É dele também o autoria do livro lançado na abertura da mostra. Para ele, a exposição possibilitará que se conheça “este grande escultor paranaense e brasileiro, cuja importância no panorama da escultura nacional somente tende a crescer, com repercussão a nível internacional”. Ele nos diz que “os artistas brasileiros desta época tendem a ser esquecidos, jogados na vala comum do academicismo”.



Frade- escultura selecionada pelo governo brasileiro para presentear o Papa Francisco em sua visita ao Brasil em 2013, colocando João Turin entre os raríssimos artistas brasileiros presentes no Museu do Vaticano.